

**TASSO FRAGOSO: UMA NOVA FRONTEIRA PARA A PESQUISA ARQUEOLÓGICA NO
MARANHÃO**
TASSO FRAGOSO: A NEW FRONTIER FOR ARCHAEOLOGICAL RESEARCH IN
MARANHÃO

Arkley Marques Bandeira

Vol. XIV | n°28 | 2017 | ISSN 2316 8412



Tasso Fragoso: uma nova fronteira para a pesquisa arqueológica no Maranhão

Arkley Marques Bandeira¹

Resumo: O artigo aborda as pesquisas realizadas na porção sul do Maranhão, precisamente no município de Tasso Fragoso, em que se está consolidando um conhecimento arqueológico inédito para essa região do estado desde 2008, no âmbito de um projeto de turismo sustentável fomentado pelo Sebrae – MA – Unidade de Balsas, além de outras pesquisas realizadas mais recentemente. A ênfase do trabalho relaciona-se ao universo empírico dos sítios rupestres, principalmente quanto a sua distribuição espacial, inserção na paisagem, suporte rochoso e composição figurativa. Além disso, especial atenção é dada à correlação desses sítios com outros elementos da cultura material, principalmente com os vestígios arqueológicos depositados em superfície.

Palavras-chave: Tasso Fragoso; Registros Rupestres; Gravuras; Distribuição Espacial.

Abstract: The article analyzes the research carried out in the southern portion of Maranhão, precisely in the municipality of Tasso Fragoso, where an unprecedented archaeological knowledge for this region of the State has been consolidated since 2008, within the scope of a sustainable tourism project fomented by Sebrae - MA – Unit at Balsas, in addition to other more recent surveys. The emphasis of the work is related to the empirical universe of rock art sites, mainly regarding its spatial distribution, insertion in the landscape, rocky support and figurative composition. In addition, special attention was given to the correlation of these sites with other elements of the material culture, mainly with the archeological vestiges deposited in surface.

Keywords: Tasso Fragoso; Rock-Art; Engravings; Spatial Distribution.

RECORTE GEOGRÁFICO E OS ASPECTOS AMBIENTAIS DA ÁREA DE ESTUDO

As primeiras informações sobre os sítios arqueológicos na porção mais meridional do Maranhão foram referenciadas a partir dos anos 2000, quando pesquisadores da Fundação Casa de Cultura de Marabá registraram cavidades na região de Tasso Fragoso com a presença de gravuras rupestres.

A partir de então, o Museu do Cerrado, sediado em Tasso Fragoso e administrado pelo ambientalista Agnaldo Lirô Guimarães, começou um trabalho de sensibilização do poder público e da comunidade sobre o rico acervo arqueológico dessa região e sobre a importância de sua preservação. A militância desse ambientalista frutificou e, entre 2007 e 2011, foi realizado um amplo levantamento arqueológico em Tasso Fragoso e adjacências, no âmbito do *Projeto Arranjos Produtivos Locais de Turismo Sustentável*, fomentado pelo Sebrae – MA – Unidade de Balsas e coordenado por este autor.

A partir de 2012, o avanço da fronteira agrícola para essa região e a demanda por infraestrutura básica de energia e transporte justificaram a construção de centrais hidrelétricas e estradas, empreendimentos que para serem liberados necessitaram de estudos de impacto ambiental, com a

¹ Doutor em Arqueologia. Docente do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Universidade Federal do Maranhão – Campus de Pinheiro (UFMA - PINHEIRO), Brasil. E-mail: arkleybandeira@hotmail.com

realização de pesquisas de arqueologia preventiva. Assim, mais sítios arqueológicos foram descobertos e referenciados².

O recorte geográfico adotado neste artigo se restringiu ao município de Tasso Fragoso, situado no extremo sul do estado, área transicional entre o Cerrado e a Amazônia e situado às margens do rio Parnaíba³.

Em termos fitogeográficos, o Maranhão situa-se em uma zona de encontro e transição de biomas, ou seja, um ecótono. Nesta região, a floresta amazônica ocupa do parte da porção noroeste, na tríplice divisa do Maranhão, Pará e Tocantins. Ao passo que o Cerrado avança desde o Brasil Central, ocupando todo o extremo sul e porção leste maranhense até as proximidades dos Lençóis Maranhenses, com os extensos campos de dunas que marcam a paisagem do litoral oriental do Estado. No extremo oeste, manchas de vegetação típica de caatinga transpõem o Parnaíba e se fazem presentes neste encontro de paisagens (CAINO et al., 2014).

As características dos sítios rupestres abordados neste artigo e sua inserção na paisagem partilham de elementos comuns a uma ampla faixa de terra que, no sentido leste-oeste, estende-se da Bacia do Parnaíba até a Bacia do Tocantins, englobando a depressão do vale do médio curso do Tocantins, a Chapada das Mesas, a depressão interplanáltica de Balsas e a Chapada do Alto Parnaíba, conforme apresentado no mapa de distribuição de biomas que se segue.

Tamanha diversidade possibilitou o desenvolvimento de diferentes formas de uso e de interação do homem com o seu meio ao longo do tempo. As evidências das diversas culturas que ocuparam e transformaram esse território ao longo do tempo são abundantes, e a arqueologia do sul maranhense é diversa e com um potencial incrivelmente alto para a compreensão das ocupações humanas neste ambiente transicional.

² Grande parte dessas informações, no entanto, permanece restrita aos relatórios depositados nos órgãos de licenciamento ambiental, principalmente no IPHAN – MA.

³ Este autor também possui dados arqueológicos sobre sítios rupestres nos municípios de Carolina, Riachão, São Domingos do Maranhão, Colinas, Aldeias Altas e Grajaú, conforme mapa de distribuição que abarca toda a região centro-sul do estado.

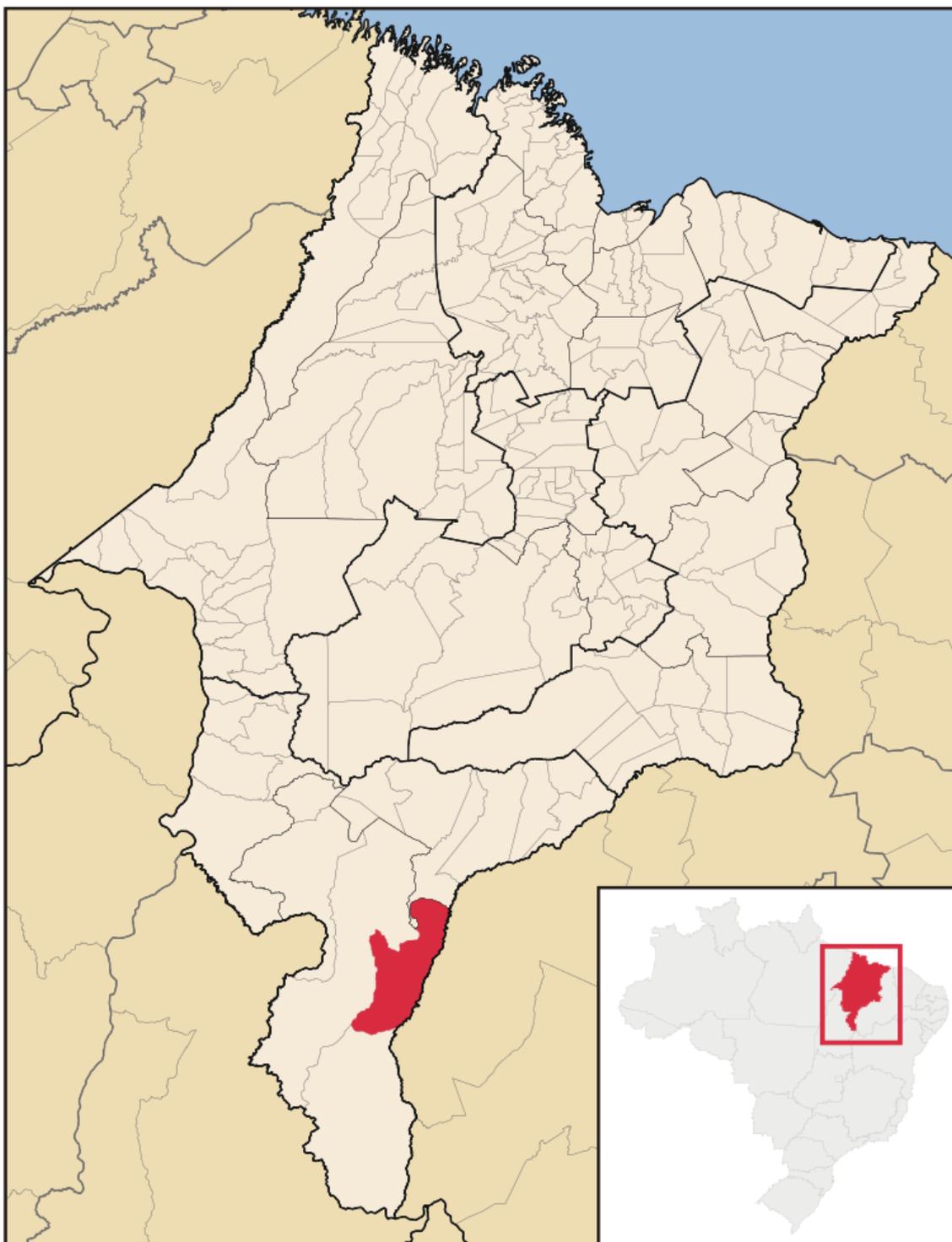


Figura 1: Localização do município de Tasso Fragoso – Maranhão. **Fonte:** Google Maps.

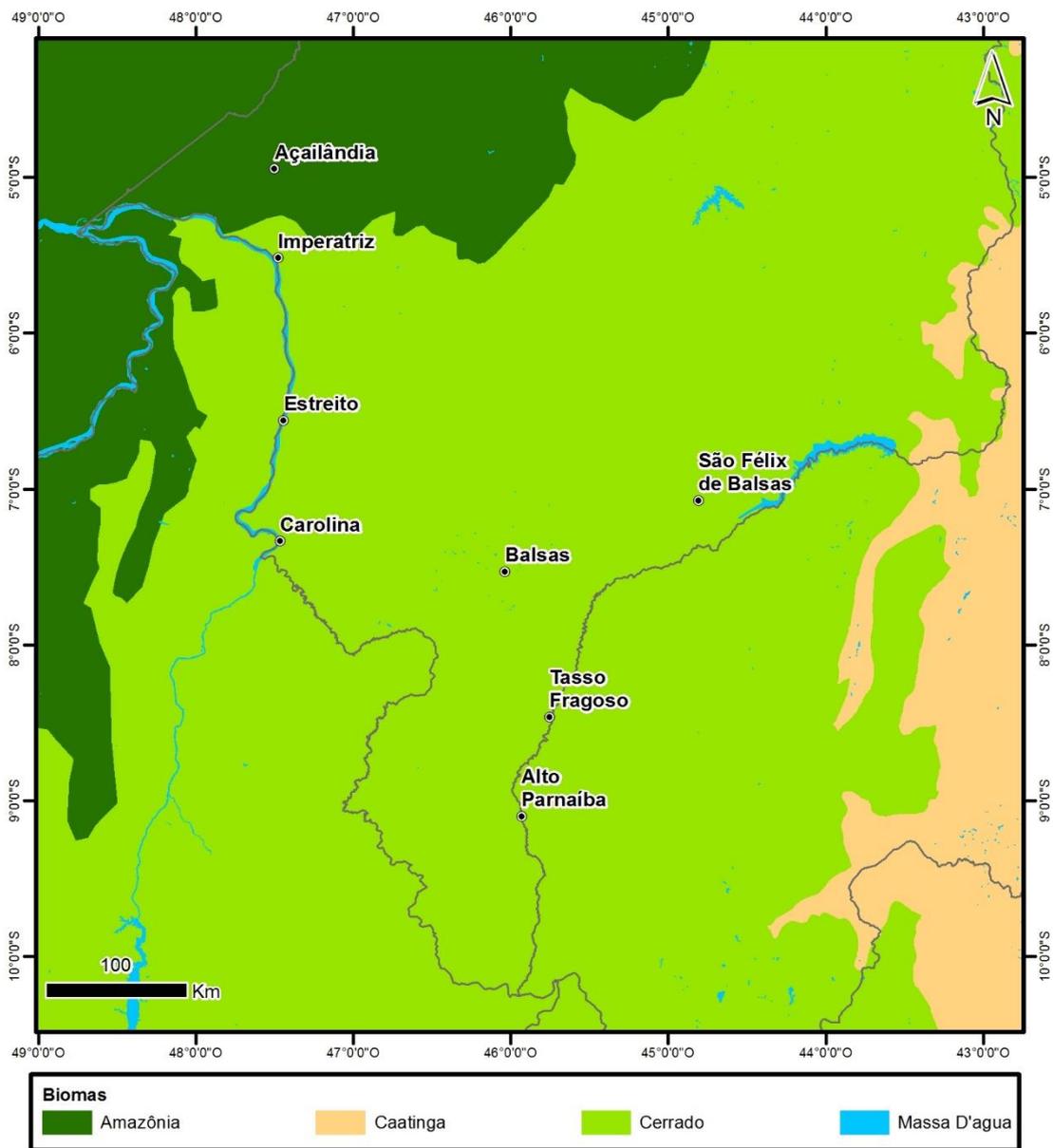


Figura 2: Biomas no sul do Maranhão. Fonte: elaborado com dados do IBGE.



Figura 3: Formação rochosa típica do sul do Maranhão, denominada popularmente de mesas ou chapéu. **Foto:** Arkley Bandeira (2011).



Figura 4: Rio Parnaíba em seu alto curso. **Foto:** Arkley Bandeira (2009).

LITERATURA ARQUEOLÓGICA SOBRE OS SÍTIOS RUPESTRES NO MARANHÃO

Excetuando alguns relatos dispersos de viajantes, cronistas e religiosos nos períodos colonial e imperial, a maioria das informações relacionadas aos sítios rupestres maranhenses data de meados do século passado em diante. Outro aspecto interessante é que essas indicações foram feitas por entusiastas não vinculados à ciência arqueológica, sendo as principais fontes de informação a revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM) e o boletim da Comissão Maranhense de Folclore (CMF).

Uma primeira referência foi publicada na edição de 1956 da revista do IHGM, pelo geógrafo Olímpio Fialho. Denominado de “A Casa de Pedra”. O artigo relatou a descoberta, em 1934, do Sítio Rupestre Casa de Pedra, no povoado de Sabonete, entre as cidades de Colinas e São Domingos do Maranhão:

Ao entrar, os sertanejos chamaram-me a atenção para sinais inscritos na parede interna, à esquerda. Esguardando êsses sinais, notei que além de sinais desconhecidos havia uns, como letras, legíveis, do alfabeto ocidental, formando até raízes... Fora disso, o que se vê, são sinais inteiramente estranhos e dispersos ao léu, como me parece (FIALHO, 1956, p. 50).

Naquele período, o geógrafo já chamava a atenção para a antiguidade de tais sinais desconhecidos, filiando-os também a um período pré-histórico de uma América remota, e destacava, ainda, o estado de destruição das cavernas em virtude da depredação humana (FIALHO, 1956).

Em 1974, baseado nos relatos de Olímpio Fialho, o pesquisador Olavo Correia Lima também identificou outros sítios rupestres na região central do Maranhão, além de ter visitado o Sítio Casa de Pedra:

As cavernas maranhenses são geralmente pequenas e não têm o esplendor espeleotêmico das irmãs sulinas. Contudo, nelas tenho encontrado inscrições rupestres, que para o antropólogo, compensam aquela pobreza (LIMA, 1985, p. 64).

Além da Casa de Pedra, foram identificadas e mapeadas mais três cavidades, levando Correia Lima a chamar a região central do Maranhão de Distrito Espeleológico de São Domingos, formado pela Caverna Élide, localizada no Centro de Cardosos; pela Caverna Correia Lima, descoberta no Cocal dos Pioizeiros, no povoado Bacupari; e pela Caverna Olímpio Fialho, situada na região da Lagoa da Serra, no povoado de Sabonete, conforme relatado pelo pesquisador:

As cavernas de São Domingos ficam nos contrafortes mais setentrionais da Serra das Alpercatas, a qual se bifurca em dois ramos principais: a Serra da Boa Vista mais a Nordeste, e da Inhuma, para noroeste. Seu epicentro fica na localidade de Sabonete, no extremo sul de São Domingos, e na vizinhança de Tuntum (LIMA, 1985, p. 64).

De formação calcária e localizadas nas encostas não muito altas de afloramentos rochosos, as cavernas de São Domingos do Maranhão destacam-se por conter registros rupestres, principalmente pinturas no interior das cavidades. Das quatro cavernas descritas por Lima (1985, 1986), três apresentaram

em seu interior pinturas ou gravuras rupestres. A caverna Olímpio Fialho caracterizava-se pela presença de gravuras em formas de riscos, pés de galinha; a caverna Élide, oculta na floresta densa, possuía em seu interior cerca de vinte figuras, entre pinturas figurativas (répteis) e geométricas (riscos); e, por fim, a caverna Casa de Pedra apresentava duas pinturas reproduzindo um veado e uma série de círculos concêntricos (BANDEIRA, 2003).

Lima (1985) filiou os registros rupestres de São Domingos do Maranhão aos povos Jê, da família *Crans*, precisamente os Timbira, baseado em informações etnográficas e na ausência de artefatos cerâmicos em escavações realizadas no local. Contudo, tais informações precisam ser utilizadas com cautela, pois não foram feitas datações arqueométricas nos achados, impossibilitando a temporalização dos sítios e a sua correlação com grupos étnicos.

Na década de 1990, em outra região do estado, foram descobertos novos sítios rupestres em pesquisas realizadas por Leite Filho, da Secretaria de Cultura do Maranhão:

Em 1990, através de contatos mantidos entre a Prefeitura Municipal de Carolina e o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico e Paisagístico do Maranhão, efetuou-se um levantamento preliminar na região do Rio Farinha onde foram localizados os sítios Morro das Figuras, caracterizado pela existência de gravuras com motivos antropomorfos e representações de pegadas e pontilhados e o sítio Morro das Araras, com painéis geométricos, ambos inseridos na região de flora e fauna típicas do cerrado em suportes areníticos (LEITE FILHO, 1991, p. 8).

O Rio Farinha compõe a Bacia do Rio Tocantins, e os sítios rupestres estão na zona rural do município de Carolina. Essa região, conforme apresentado anteriormente, é caracterizada por extensas faixas de cerrado ainda preservadas e por uma formação geomorfológica bastante peculiar e favorável à existência de sítios rupestres em virtude das cavidades e dos abrigos localizados nos chapadões e nas mesas.

Segundo Leite Filho (1991), foram utilizadas a pressão e a fricção para elaborar as gravuras que compõem figuras ou sinais em baixo-relevo, com motivos antropomorfos, pegadas humanas e pontilhados gravados na rocha, além de elementos geométricos.

Em 2003, Bandeira defendeu monografia focada na identificação de sítios rupestres no município de São Domingos do Maranhão, na região central do estado, onde existe um abrigo sob rocha em que foram identificadas pinturas rupestres, possivelmente associadas à Tradição Agreste (BANDEIRA, 2003).

Com relação às pinturas rupestres, todas as composições eram pintadas em vermelho, com tonalidades diferenciadas, resultantes dos diferentes níveis de antropização do abrigo. Além disso, muitas sobreposições foram observadas, inclusive, com pinturas que apresentam fortes indicações de elaboração em diferentes momentos gráficos. Dentre os motivos pintados, havia zoomorfos representados por aves e lagartos e a representação de um inseto. Além disso, foram identificados antropomorfos e figuras geométricas como, por exemplo, traços, linhas e pontos (BANDEIRA, 2003).



Figura 5: Parede do fundo da cavidade com pinturas em toda a superfície. **Foto:** Arkley Bandeira (2003).



Figura 6 : Teto da cavidade com pintura nas áreas mais rebaixadas. **Foto:** Arkley Bandeira (2003).

Uma terceira área arqueológica foi intensamente pesquisada por Bandeira mediante convênio entre a Prefeitura Municipal de Tasso Fragoso e o Sebrae – MA – Unidade de Balsas, que criaram, em 2008, uma parceria para identificação, registro e qualificação de sítios arqueológicos para atividades de visitação pública, com financiamento do Programa de Arranjos Produtivos Locais na área do Turismo (BANDEIRA, 2008).

Nesse contexto, o município de Tasso Fragoso inseriu-se como polo potencial para o planejamento e desenvolvimento de ações no campo do turismo cultural, mais precisamente do turismo arqueológico, diante do grande número de sítios rupestres encontrados na região, além da grande relevância para a pesquisa científica e para ações educativas e de visitação (BANDEIRA, 2009).

Os resultados até então alcançados contabilizaram a descoberta de 51 sítios arqueológicos – a maioria com gravuras rupestres que atestam a forte presença humana pré-colonial no sul do Maranhão – que, somados aos 18 sítios que já estavam registrados no IPHAN, colocaram Tasso Fragoso na posição de município maranhense detentor do maior número de sítios arqueológicos conhecidos no estado (BANDEIRA, 2013)⁴.

Mais recentemente, Ariana Braga compôs a equipe que pesquisou vários sítios rupestres no âmbito da construção da Usina Hidrelétrica de Estreito, nos municípios de Estreito e Carolina-MA, no médio curso do Rio Tocantins (BRAGA, 2011). Nesse âmbito, a autora realizou ampla pesquisa no Sítio Testa Branca II, com levantamentos dos registros rupestres e escavações, resultando em um mestrado que inovou ao apresentar a primeira escavação de um sítio rupestre no Maranhão e associar as gravuras com os pisos de ocupação e a cultura material.

Além dessas referências, muitas informações dispersas indicam a existência de sítios rupestres em outras regiões do Maranhão, a exemplo de São João Sóter, onde foi localizado o Sítio Lageado do Escrivão;

⁴ Atualmente, o município de São Luís, capital do Maranhão possui o maior número de sítios arqueológicos conhecidos. Contudo, esse número não é obtido na base de dados do CNSA – IPHAN.

em Grajaú, onde existem os sítios Talhado de São Rafael, Cachoeirinha, Talhado da Pedra Grande e Barbosa; em Balsas, onde foi localizado o Sítio Pedra Marcada; em Loreto, onde se situa o Sítio Casa de Pedra; e em Gonçalves Dias, onde se localiza o Sítio Pedra da Letra (BRAGA, 2014; BANDEIRA, 2003; LEITE FILHO, 1991).

ASPECTOS DA ARQUEOLOGIA REGIONAL DO SUL MARANHENSE

Em consulta ao Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), no Sistema de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico (SGPA) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), realizada em janeiro de 2017, foram observados 166 registros para sítios arqueológicos distribuídos por todo o Maranhão (IPHAN, 2016). Na mesma consulta foram observados 18 registros de sítios para Tasso Fragoso (IPHAN, 2017).

Obviamente, esse número não corresponde à realidade, visto que, apenas na Ilha de São Luís, Bandeira (2015) publicou os resultados de um amplo levantamento arqueológico que indicou mais de 64 sítios apenas associados aos grupos Tupi e mais de 100 sítios de tipologias distintas⁵. Em obra organizada por Bandeira e Brandi (2014), o cruzamento de diversas fontes de informação consubstanciado com pesquisas de campo apontam para um resultado semelhante: a defasagem dos dados oficiais relacionados à potencialidade arqueológica maranhense.

Esse panorama reflete algumas questões com as quais a arqueologia maranhense vem se deparando ao longo das duas últimas décadas, como, por exemplo, a forte associação do fazer arqueológico ao licenciamento ambiental; poucos projetos de pesquisa acadêmica; centralização dos estudos em poucas regiões, como o Golfão Maranhense e a Baixada Maranhense; e uma sistematização relativamente tardia sobre a arqueografia do estado.

Não é de estranhar que as grandes sínteses sobre a arqueologia brasileira realizadas em décadas passadas não referenciam os sítios maranhenses mais distantes da faixa costeira, situados na porção mais interiorana e nos cursos dos Rios Mearim, Parnaíba, Tocantins e Itapecuru.

Sobre os registros rupestres, esse panorama é ainda mais problemático, tanto que em 2000, o pesquisador Carlos Etchvarne citou que “os grafismos foram localizados até o momento em quase todos os estados nordestinos, com exceção do Maranhão” (ETCHVARNE, 1999, p. 126-127).

Em levantamento recente, levando em conta a literatura para a porção continental do Maranhão e alguns dados de campo disponíveis no IPHAN, foi possível indicar a existência de 234 sítios arqueológicos e/ou áreas de ocorrência arqueológica pré-históricas e históricas apenas nas Bacias dos Rios Balsas, Parnaíba, Pindaré-Mearim e Tocantins, na região centro-sul do Maranhão.

⁵ Para maiores informações, consultar, nos *Cadernos do LEPAARQ*, v. XII, n. 24, 2015, o artigo de BANDEIRA (2015), intitulado “Distribuição espacial dos sítios Tupi na Ilha de São Luís, Maranhão”.

Ressalta-se que muitos sítios não dispõem de coordenadas geográficas e outros estão com o seu preenchimento errado. Mesmo assim, foi possível associar a existência de sítios a coordenadas geográficas e municípios, compondo uma primeira síntese para essa região (CAINO et al., 2014).

Extrapolando esse número para os sítios com registros rupestres e a sua associação com outros elementos da cultura material, a estimativa é que nessa região existam, pelo menos, 51 evidências georreferenciadas⁶, conforme apresentado no quadro a seguir.

Quadro 1: Distribuição de sítios arqueológicos por bacia hidrográfica de acordo com a natureza das evidências

Tipo de sítio	Bacia hidrográfica				TOTAL
	Balsas	Parnaíba	Pindaré-Mearim	Tocantins	
Cerâmico	0	0	4	8	12
Gravura	0	9	0	3	12
Gravura/histórico	1	0	0	0	1
Gravura/lítico	0	25	0	4	29
Gravura/lítico/histórico	0	1	0	0	1
Gravura/lito-cerâmico	0	2	0	2	4
Gravura/pintura/lítico	0	2	0	0	2
Gravura/pintura/lito-cerâmico	0	1	0	0	1
Histórico	5	0	0	2	7
Lítico	21	49	12	50	132
Lítico/histórico	1	1	0	1	3
Lito-cerâmico	0	0	1	19	20
Lito-cerâmico/histórico	1	0	0	0	1
Sem informação	0	1	0	8	9
TOTAL	29	91	17	97	234

Fonte: CAINO et al. (2014).

⁶ Neste artigo optou-se por não considerar os sítios rupestres sem coordenadas geográficas. Por esse motivo, os sítios de São Domingos do Maranhão, Grajaú, São João Sóter, dentre outros municípios, não constam no material cartográfico apresentado aqui.

A distribuição espacial dos sítios arqueológicos por bacia hidrográfica e município é ilustrada no mapa que segue.

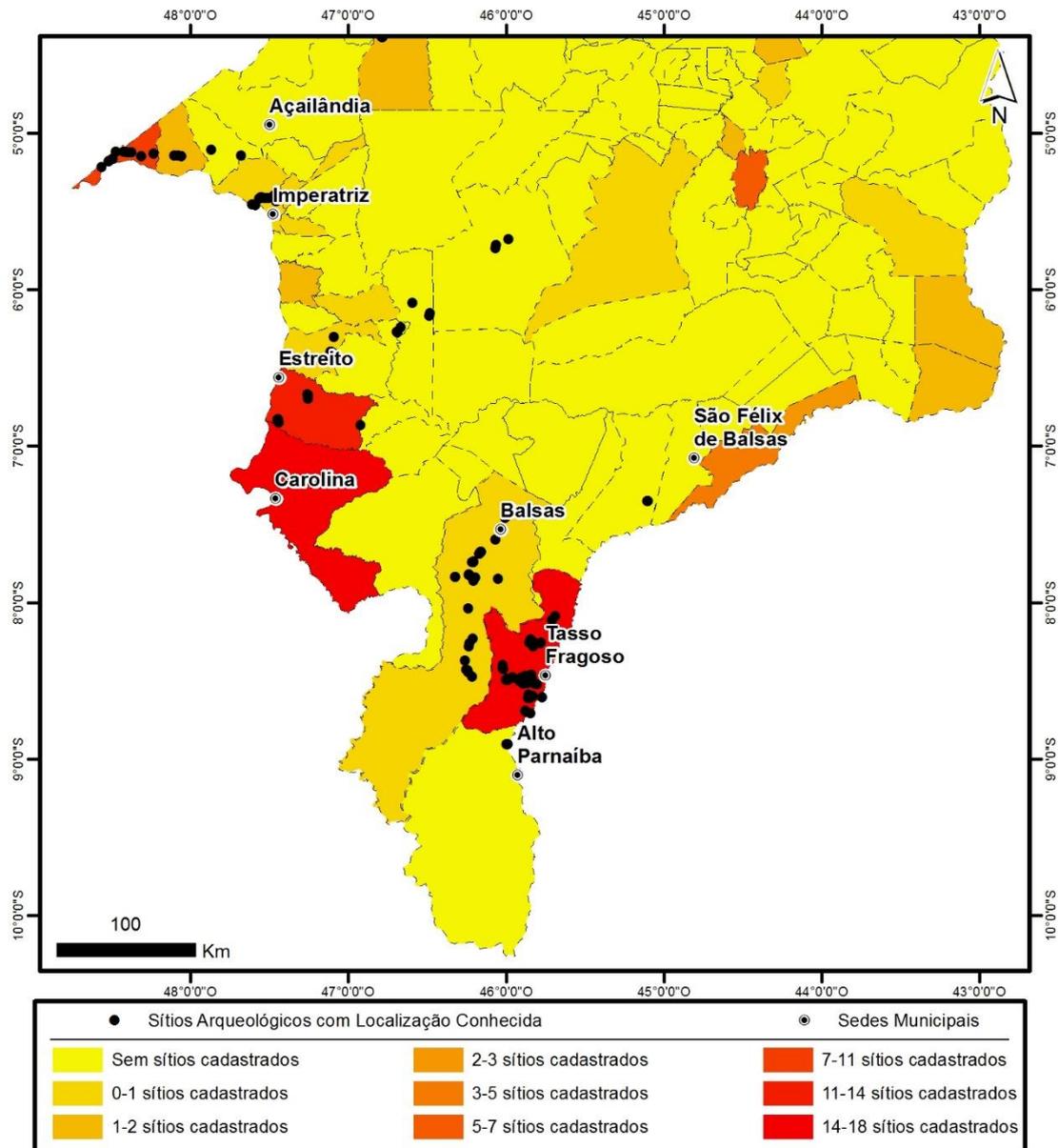


Figura 7: Sítios arqueológicos distribuídos por municípios na porção centro-sul do Maranhão. **Fonte:** CAINO et al. (2014).

A distribuição das evidências arqueológicas demonstra uma forte ocupação humana às margens dos dois maiores rios que delimitam as divisas do Maranhão com os estados do Tocantins e do Piauí: as Bacias do Tocantins e do Parnaíba, com mais de 18 sítios catalogados em ambas.

Quando se classificam os sítios arqueológicos por natureza da evidência e por tipologia dos assentamentos, observa-se o seguinte cenário: a maioria dos sítios arqueológicos está situada na Bacia do Parnaíba; os sítios cerâmicos estão situados no Médio Tocantins, e existe uma concentração de sítios rupestres entre os municípios de Tasso Fragoso e Alto Parnaíba.

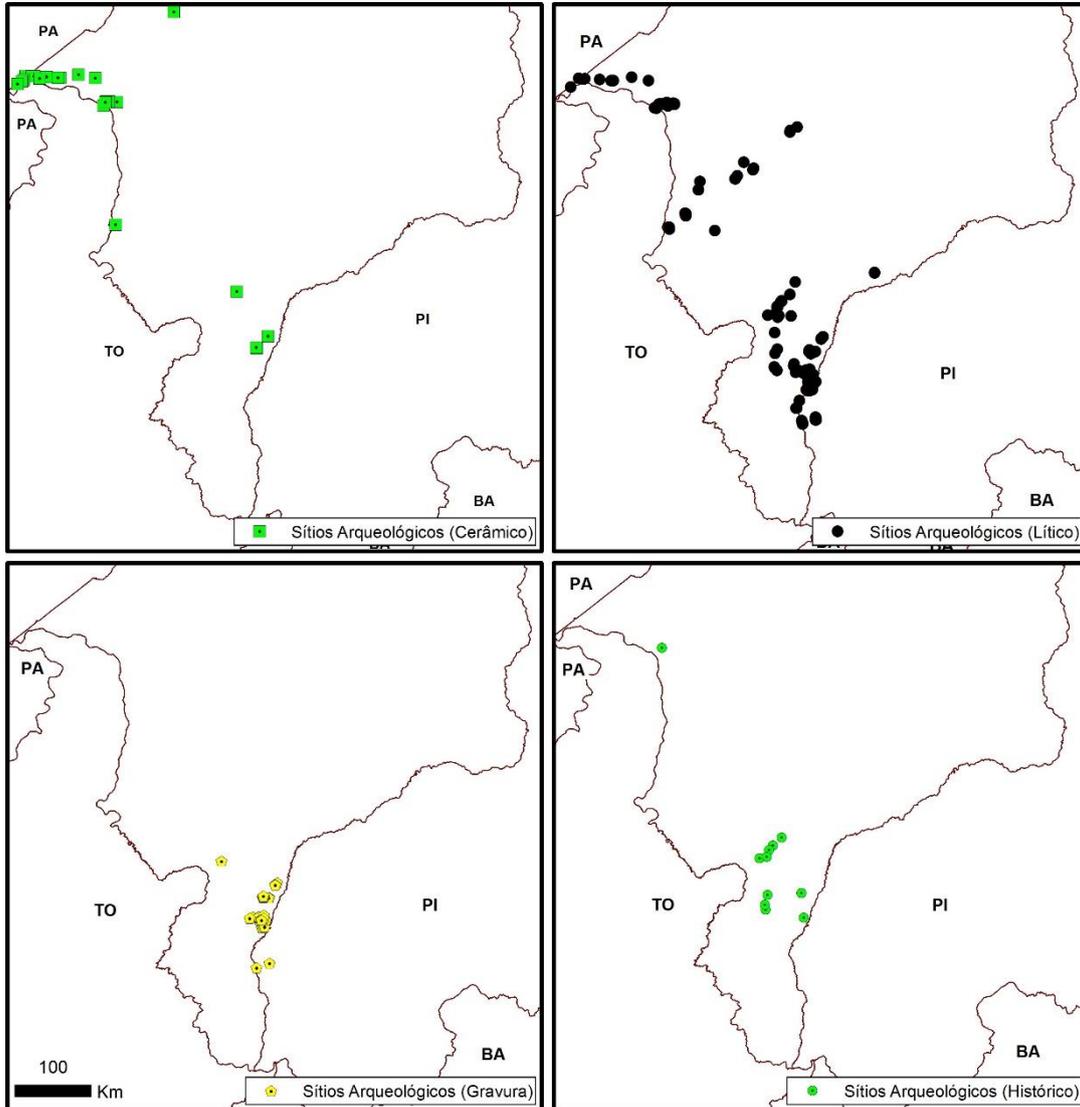


Figura 8: Distribuição de sítios arqueológicos por tipologia e evidência material. **Fonte:** CAINO et al. (2014).

Conforme exposto, o cenário atual para a arqueologia do centro-sul do estado demonstra grande densidade de sítios arqueológicos em duas regiões: na divisa sudoeste – Médio Vale do Tocantins – e na divisa sudeste – entre o alto e médio curso dos Rios Parnaíba e Balsas. Esse panorama pode representar um maior investimento em pesquisas arqueológicas nessas regiões. De todo modo, há de se considerar um meio ambiente extremamente favorável para as ocupações humanas no vale desses rios.

A PESQUISA ARQUEOLÓGICA EM TASSO FRAGOSO

Como ressaltado anteriormente, os sítios arqueológicos mais conhecidos na região estão representados por abrigos em cavidades rochosas com registros rupestres e sítios líticos a céu aberto. A hipótese é que as evidências rupestres e os demais componentes da cultura material estejam relacionadas,

confirmando a existência de grupos caçadores-coletores habitando a região em tempos pré-coloniais (BANDEIRA, 2013).

Nessas áreas, em que os processos erosivos são a principal força formadora do relevo, depósitos secundários de materiais líticos ocorrem com grande frequência desde o sopé da chapada até os terraços fluviais do rio principal da bacia, em contextos de erosão ou deposição de sedimento arenoso (BANDEIRA, 2014).

Nas encostas, por sua vez, os paredões, abrigos e cavernas formados em diferentes camadas sedimentares de arenito fornecem o suporte ideal para a execução dos registros rupestres.

Um outro aspecto que deve ser considerado é a predominância de motivos gravados, em detrimento de pinturas, na proporção de 17 sítios gravados para um pintado. Essa situação contrasta fortemente com a evidência arqueológica observada na Serra da Capivara e na Serra das Confusões, nas vizinhas São Raimundo Nonato e Coronel José Dias, no Piauí (BANDEIRA, 2013).

Tais particularidades demonstram que a compreensão do contexto arqueológico sul-maranhense deve se alicerçar, fundamentalmente, em geoindicadores e em leituras da paisagem para embasar prospecções intensivas para a identificação de novos sítios rupestres.

Esses geoindicadores associam-se ao Rio Parnaíba, que, desde sua nascente até as cidades de Alto Parnaíba e de Tasso Fragoso, atravessa duas unidades da Sequência Neocarbonífera-Eotriássica: as Formações Piauí e Pedra de Fogo (CASSETI, 2014). O relevo da região é oriundo do soerguimento da bacia sedimentar e da instalação das redes de drenagens a ela superpostas. A geomorfologia é marcada pela presença de *cuestas* e vales. O relevo de *cuеста* é assimétrico e caracteriza-se pela presença de escarpas abruptas, neste caso voltadas para o Sul, e pelo terreno plano de mergulho suave para o lado oposto da escarpa, neste caso, para o Norte.

Os vales são formados pela dissecação gerada pelas drenagens e normalmente situam-se na depressão periférica à *cuеста*. O desnível médio fica em torno de uma centena de metros, sendo normalmente suavizado por depósitos de encosta, como leques aluviais ou colúvios (IBGE, 2011). Esculpindo as escarpas são reconhecíveis também os cânions, onde nota-se uma maior umidade em comparação com as demais áreas, que permite o crescimento de uma vegetação diferenciada nessas feições.



Figura 9: Vista oblíqua da margem direita do Rio Parnaíba, na qual é possível reconhecer diversos cânions. (Imagem do Google Earth®, exagero vertical de três vezes). **Fonte:** Bandeira (2014).

Considerando as principais unidades geomorfológicas dessa região: planalto, vales secundários e a planície fluvial do Parnaíba e as suas relações com a implantação dos sítios arqueológicos na paisagem, observa-se o seguinte cenário:

✓ Em virtude da baixa fertilidade do solo nos topos do planalto e chapadões, aliada à dificuldade em acessar os recursos hídricos, que estão localizados nos bordos das chapadas e nos vales encaixados, a ocupação humana nos planaltos só ocorreu tardiamente, com a expansão da fronteira agrícola na região (BANDEIRA; SANTOS, 2015);

✓ A planície fluvial do Parnaíba apresenta um vale mais encaixado, resultando em uma área de deposição fluvial mais restrita. À medida que corre para o Norte, chegando ao território de Tasso Fragoso, o vale abre-se e, conseqüentemente, também cria uma planície fluvial, que alcança pouco mais de 2 km de largura nas áreas mais abertas. As ocupações humanas que deixaram maior evidência na paisagem associam-se ao período Colonial, com as primeiras frentes de expansão do gado. Essa região foi propícia ao assentamento de fazendas e engenhos, alicerçados pela navegação do Rio Parnaíba. Contudo, nesse compartimento também são encontrados em menor densidade sítios líticos a céu aberto e sítios cerâmicos (BANDEIRA, 2014);

✓ Os vales secundários são formados pelos tributários do Parnaíba, a exemplo das microbacias do ribeirão Babilônia, riacho Marcelino, Purezinha, Pureza, Pedra Furada e Rio Medonho. Nessas áreas, em virtude da natureza laminar da deposição sedimentar da bacia e dos diferentes graus de friabilidade das camadas, as quebras tendem a assumir feições retas, por vezes formando degraus. À medida que as rochas expostas vão sofrendo intemperismo químico e mecânico, desagregam-se em blocos, sedimentam-se,

formando rampas de colúvio e depósitos de tálus nos sopés das escarpas (IBGE, 2011), resultando também em áreas abrigadas e passíveis de ocupação. Além disso, nas encostas e vales encaixados mais protegidos da insolação, ocorrem florestas submontanas, com matas ciliares e palmáceas como o buriti, sendo importantes fontes de recursos. Por esse motivo, os vales secundários têm oferecido condições propícias à ocupação humana desde tempos pré-coloniais. Nesse compartimento estão os sítios rupestres e os sítios líticos a céu aberto (BANDEIRA, 2014; CAINO et al., 2014).

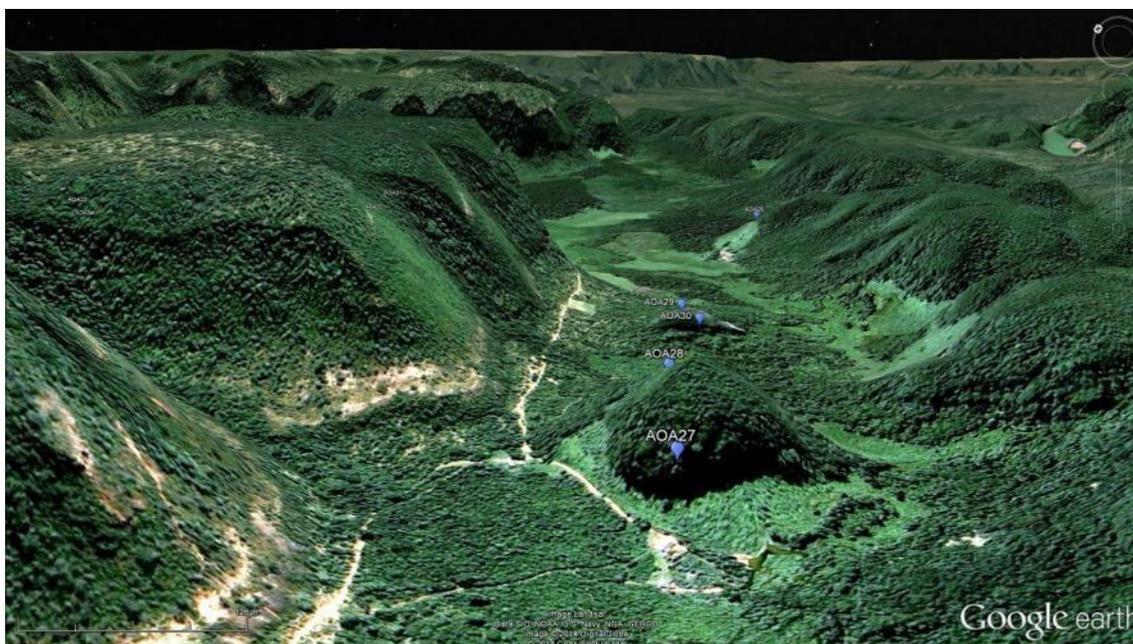


Figura 10: Modelo de implantação dos sítios na paisagem considerando os vales secundários e cânions. Fonte: Google Earth, 2014 [exagero vertical de 3 vezes]. **Fonte:** Bandeira (2014).

O mapeamento dos geoindicadores para a existência dos sítios facilitou sobremaneira a composição dos mapas de distribuição espacial dos achados e sua inserção na paisagem. A esse respeito, dos 92 sítios conhecidos para a Bacia do Parnaíba – margem maranhense, 51 são sítios com registros rupestres situados no município de Tasso Fragoso, conforme o quadro a seguir.

Quadro 2: Relação dos sítios com registros rupestres em Tasso Fragoso-MA (BANDEIRA, 2009, 2010, 2011, 2013; GEM, 2002, 2013)

Nome do Sítio	UTM	Curso hídrico	Povoado	Município	Componentes
Abrigo Toca dos Caboclos	23L 423927/9105618	Riacho Fosdão	Fosdão	Tasso Fragoso	Gravura/pintura/lítico
Serra dos Caboclos I	23L 423927/9105618	Riacho Fosdão	Fosdão	Tasso Fragoso	Gravura
Serra dos Caboclos II	23L 423927/9105618	Riacho Fosdão	Fosdão	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Juá I	23L 421633/9103244	Riacho Fosdão	Fazenda Juá	Tasso Fragoso	Gravura/pintura/lítico
Juá II	23L 421679/9103150	Riacho Fosdão	Fazenda Juá	Tasso Fragoso	Gravura/pintura/lito-cerâmico
Abrigo Picos	23L 414218/9087249	Riacho Por Enquanto	Picos	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Por enquanto	23L 413420/9086816	Riacho Por Enquanto	Morro Falador	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Sem nome	23L 407549/9087713	Ribeirão Babilônia	Não identificado	Tasso Fragoso	Gravura/lito-cerâmico

ARKLEY MARQUES BANDEIRA

Abrigo Taboca I	23L 406042/9087159	Ribeirão Babilônia	Taboca	Tasso Fragoso	Gravura/pintura/lítico
Toca/Gruta Urubu	23L 406271/9087288	Ribeirão Babilônia	Taboca	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Toca das Abelhas	23L 406640/9087457	Ribeirão Babilônia	Taboca	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Abrigo Taboca II	23L 406577/9087395	Ribeirão Babilônia	Taboca	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Paredão do Jussara	23L 407126/9088558	Ribeirão Babilônia	Juçara	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Gruta da Juçara	23L 406653/9089138	Ribeirão Babilônia	Juçara	Tasso Fragoso	Gravura/lito-cerâmico
Abrigo Forquilha	23L 394102/9062122	Riacho Marcelino	Vão do Marcelino	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Toca do Jumento	23L 402470/9060932	Riacho Marcelino	Lagoa da Mata	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Vale/Toca Lagoa da Mata	23L 402219/9060386	Riacho Marcelino	Lagoa da Mata	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Caboclo I	23L 401663/9058398	Riacho Marcelino	Caboclos	Tasso Fragoso	Gravura
Caboclo II	23L 401627/9058434	Riacho Marcelino	Caboclos	Tasso Fragoso	Gravura
Caboclo III	23L 401611/9058419	Riacho Marcelino	Caboclos	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Caboclo IV	23L 401599/9058362	Riacho Marcelino	Caboclos	Tasso Fragoso	Gravura
Caboclo V	23L 401640/9058343	Riacho Marcelino	Caboclos	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Caboclo VI	23L 401656/9058342	Riacho Marcelino	Caboclos	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Abrigo Córrego do Marcelino	23L 400100/9061777	Riacho Marcelino	Caboclos	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Toca Ladeira Vermelha	23L 400141/9062004	Riacho Marcelino	Caboclos	Tasso Fragoso	Gravura
Abrigo do Lagarto	23L 400893/9062598	Riacho Marcelino	Caboclos	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Abrigo Frutuoso	23L 400977/9062650	Riacho Marcelino	Não identificado	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Abrigo Ferrugem/Ferrugem III	23L 404855/9048007	Riacho Ferrugem	Santa Maria/Bela Vista	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Fazenda Santa Maria	23L 406551/9048074	Santa Maria	Santa Maria	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Abrigo Vão do Roseno	23L 407882/9049413	Santa Maria	Santa Maria	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Abrigo do Rosendo	23L 408405/9049400	Não identificado	Não identificado	Tasso Fragoso	Gravura/lítico/histórico
Desmazelo	23L 409794/9058146	Brejo dos Cavalos	Brejo dos Cavalos	Tasso Fragoso	Gravura/lítico/histórico
Abrigo Walber	23L 407612/9061310	Riacho Marcelino	Não identificado	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Abrigo/Toca do PC/Pé Falso	23L 404460/9059903	Brejo dos Cavalos	Brejo dos Cavalos	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Abrigo Baviera	23L 407297/9064471	Riacho Marcelino	Baviera	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Toca do Irajá	23L 389729/9060774	Riacho Marcelino	Não identificado	Tasso Fragoso	Gravura/pintura/lítico
Abrigo Baviera/Nossa Senhora de Fátima	23L 407348/9064492	Brejo da Baviera	Baviera	Tasso Fragoso	Gravura/lítico
Lirô	23L 407487/9060748	Brejo dos Cavalos	Brejo dos Cavalos	Tasso Fragoso	Gravura
Abrigo Tubular	23L 404162/9058488	Brejo dos Cavalos	Brejo dos Cavalos	Tasso Fragoso	Gravura
Abrigo Chupé	23L 404432/9058441	Brejo dos Cavalos	Brejo dos Cavalos	Tasso Fragoso	Gravura
Abrigo Serra das Araras	23L 411952/9051337	Riacho Fundo	Riacho Fundo	Tasso Fragoso	Gravura
Cercado	23L 432106/9096082	Riacho Marcelino	Caboclos	Tasso Fragoso	Gravura
Cercado I	23L 432106/9096082	Riacho Marcelino	Caboclos	Tasso Fragoso	Gravura
Cercado II	23L 432106/9096082	Riacho Marcelino	Caboclos	Tasso Fragoso	Gravura
Cercado III	23L 432106/9096082	Riacho Marcelino	Caboclos	Tasso Fragoso	Gravura

Cercado IV	23L 432106/9096082	Riacho Marcelino	Caboclos	Tasso Fragoso	Gravura
Vão da Fonte	23L 417742/9063147	Não identificado	Não identificado	Tasso Fragoso	Gravura
Baixão do Coco	23L 434553/9103723	Não identificado	Não identificado	Tasso Fragoso	Gravura
Abrigo Samambaia	23L 417742/9063147	Ribeirão Babilônia	Babilônia/Junçara	Tasso Fragoso	Gravura
Abrigo Armadilha	23L 417742/9063147	Ribeirão Babilônia	Taboca	Tasso Fragoso	Gravura
Gruta Triângulo	23L 417742/9063147	Ribeirão Babilônia	Taboca	Tasso Fragoso	Gravura
Abrigo Lindo	23L 417742/9063147	Ribeirão Babilônia	Babilônia/Junçara	Tasso Fragoso	Gravura

A distribuição dos sítios arrolados anteriormente é ilustrada no mapa que se segue.

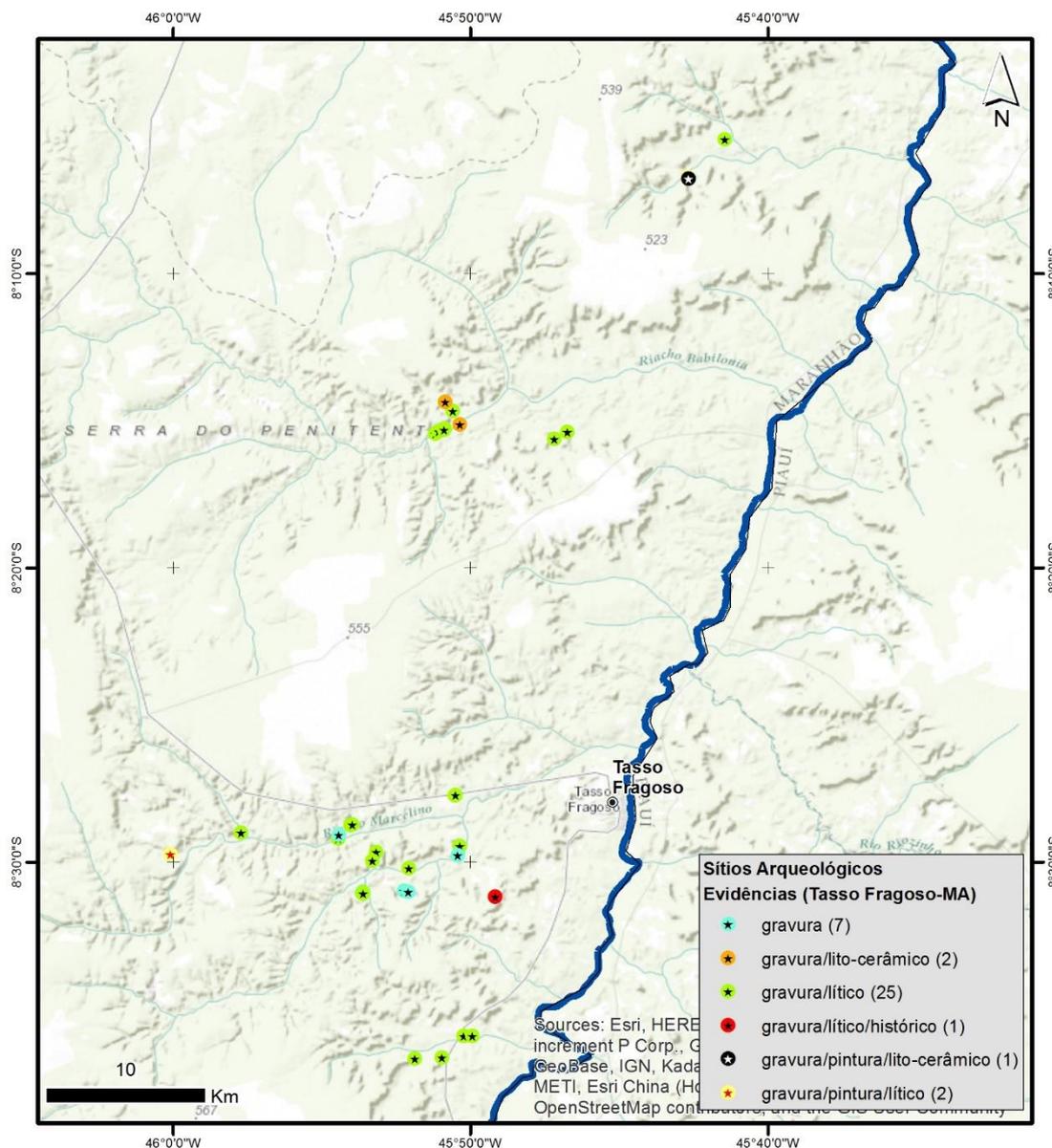


Figura 11: Mapa de distribuição dos sítios rupestres em Tasso Fragoso- MA

Em relação aos componentes observados nos sítios, ocorrem distintas formas de abrigos e cavidades com a presença de registros rupestres. Além disso, ressaltam-se algumas recorrências, por

exemplo, os sítios que estão mais próximos aos cursos d'água perenes apresentam grande quantidade de gravuras, inclusive com várias sobreposições e momentos gráficos distintos, que atestam reocupações da mesma área por vários períodos (BANDEIRA, 2009). Ao passo que nos sítios mais distantes dos cursos d'água perenes, principalmente nas médias encostas longe dos vales secundários, a quantidade de gravuras é menor e sem sobreposições, levando a crer que tais abrigos eram ocupados em menor intensidade, podendo tratar-se de lugares de passagem.



Figura 12: Sítio Arqueológico Serra dos Caboclos.
Foto: Arkley Bandeira (2008).

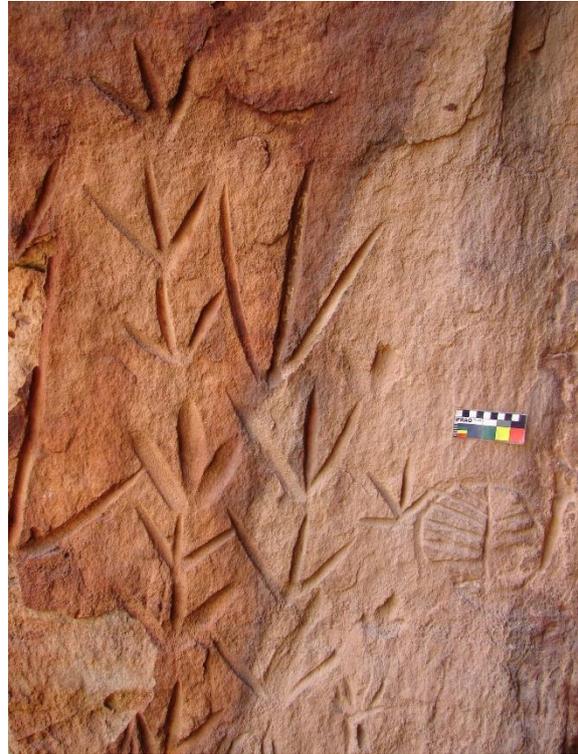


Figura 13: Gravuras rupestres no Sítio Arqueológico Serra dos Caboclos. **Foto:** Arkley Bandeira (2008).



Figura 14: Sítio Gruta da Junçara. **Foto:** Arkley Bandeira (2010).



Figura 15: Gravuras rupestres Sítio Gruta da Junçara. **Foto:** Arkley Bandeira (2010).



Figura 16: Sítio arqueológico Morro das Araras. **Foto:** Arkley Bandeira (2010).



Figura 17: Gravuras rupestres do Sítio arqueológico Morro das Araras. **Foto:** Arkley Bandeira (2010).

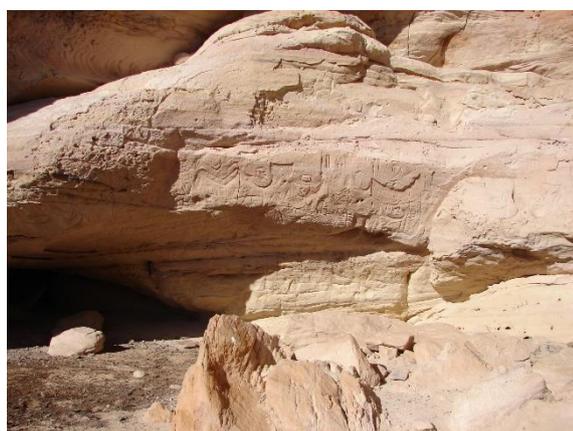


Figura 18: Sítio Arqueológico Serra dos Caboclos. **Foto:** Arkley Bandeira (2010).



Figura 19: Representação de uma lâmina de machado gravada na Serra dos Caboclos, no Fossdão. **Foto:** Arkley Bandeira (2010).



Figura 20: Sítio Arqueológico Abrigo Baviera (Pedra do Elefante). **Foto:** Arkley Bandeira (2010).



Figura 21: Gravuras rupestres do Sítio Arqueológico Abrigo Baviera (Pedra do Elefante). **Foto:** Arkley Bandeira (2010).

As técnicas para realização das gravuras são majoritariamente o picoteamento com atrito direto e a abrasão com raspagem e fricção. As composições gravadas apresentam temas comuns a todos os sítios. Contudo, algumas temáticas são mais recorrentes do que outras, a exemplo do Sítio Baviera onde preponderam os cupuliformes e fitomorfos em relação a outros motivos; ou do Sítio Abrigo da Serra

Vermelha, onde foram identificadas as representações de lâminas de machado polida e de vulvas (BANDEIRA, 2013).

Em quase todos os sítios observados as representações de podomorfos foram encontradas, seja na forma de pegadas humanas seja na forma de de animais (mamíferos e aves). Além disso, existe uma variedade de formas, dentre elas pés com três, quatro, cinco, seis, sete e até com oito dedos.

Em menor ocorrência, foram observadas gravuras reproduzindo formas humanas e animais, a exemplo dos sítios Taboca e Abrigo do Lagarto.



Figura 22: Composição cupuliforme do Sítio Abrigo Baviera. **Foto:** Arkley Bandeira (2008).



Figura 23: Composição de fitomorfo do Sítio Paredão da Jussara. **Foto:** Arkley Bandeira (2008).



Figura 24: Figuração de uma lâmina de machado semilunar do Sítio Abrigo da Ladeira Vermelha. **Foto:** Arkley Bandeira (2009).



Figura 25: Representação de uma vulva no Sítio Abrigo da Ladeira Vermelha. **Foto:** Arkley Bandeira (2009).



Figura 26: Composição de podomorfo (pés) no Sítio Abrigo do Caboclo 1. **Foto:** Arkley Bandeira (2009).



Figura 27: Painel completo do Sítio Abrigo do Caboclo III. **Foto:** Arkley Bandeira (2009).



Figura 28: Representação de antropomorfo no Sítio Taboca. **Foto:** Arkley Bandeira (2009).



Figura 29: Composição de podomorfo (pés) no Sítio Abrigo Forquilha. **Foto:** Arkley Bandeira (2010).



Figura 30: Representação de zoomorfo na figura de dois lagartos no Sítio Abrigo do Lagarto. **Foto:** Arkley Bandeira (2009).

Em relação aos sítios com pinturas rupestres, a baixa ocorrência desse tipo de registro nas bacias do Alto Parnaíba na margem maranhense configura-se em uma problemática para futuras investigações, principalmente pelo fato dessa região situar-se relativamente próxima das áreas arqueológicas com uma das maiores tradições de pesquisa para pinturas rupestres da arqueologia brasileira, como a Serra da Capivara e Serra das Confusões, no Piauí.

Em Tasso Fragoso, dos 51 sítios com registros rupestres e arqueológicos identificados até o momento, apenas cinco apresentaram pinturas rupestres em sua composição, a exemplo dos sítios Taboca I, Juá I e II, Toca dos Caboclos e Toca do Irajá (BANDEIRA, 2008, 2009, 2013). Apesar disso, as pinturas nunca aparecem isoladas e estão contidas em painéis associados ou se sobrepondo às gravuras (BANDEIRA, 2013).



Figura 31: Painel do Sítio Taboca I com gravuras e pinturas rupestres. **Foto:** Arkley Bandeira (2009).



Figura 32: Painel do Sítio Taboca I e as pinturas rupestres observadas. **Foto:** Arkley Bandeira (2009).

Nos Sítios Juá I e II foram observadas linhas de várias espessuras pintadas em vermelho, formando elementos não identificáveis. A existência de outras pinturas em uma parte do painel que sofreu descamação natural apontou para distintos momentos gráficos (BANDEIRA, 2009).



Figura 33: Painel de pintura rupestre do Sítio Juá II, apresentando linhas vermelhas. **Foto:** Arkley Bandeira (2009).



Figura 34: Pinturas em miniatura realizadas na área descamada, caracterizando o segundo momento gráfico do Sítio Juá I. **Foto:** Arkley Bandeira (2009).

O Sítio Toca dos Caboclos apresentou pinturas associadas com gravuras, por vezes se apresentando uma intencionalidade em pintar a gravura e por vezes se apresentando a pintura na forma de sobreposições (BANDEIRA, 2010). O Sítio Toca do Irajá apresentou apenas vestígios de pintura em preto.



Figura 35: Detalhe de grafismo com símbolo semilunar e retângulo com vestígios de pintura vermelha no Sítio Toca dos Caboclos. **Foto:** Arkley Bandeira (2008).



Figura 36: Pinturas pretas associadas a gravações no Sítio Toca do Irajá. **Foto:** Arkley Bandeira (2008).

O SUL DO MARANHÃO E O POTENCIAL ARQUEOLÓGICO PARA FUTURAS PESQUISAS

Apesar do levantamento intensivo dos sítios rupestres no sul do Maranhão, a pesquisa ainda está em etapa inicial, mas os resultados já permitem construir algumas correlações com contextos semelhantes.

Em relação à temática, os sítios do sul do Maranhão apresentam claras semelhanças com os registros rupestres do Médio Tocantins nas margens maranhense e tocantinense (LEITE FILHO, 1991; BRAGA,

2011, 2014; BANDEIRA, 2007). De acordo com as características apontadas por Guidon (1992) e Martin (1999), as gravuras rupestres encontradas em Tasso Fragoso, *grosso modo*, podem ser filiadas à “Grande Tradição Itaquiara”, sobretudo por apresentarem elementos diagnósticos comuns para classificação desses registros rupestres, como, por exemplo, tridáctilos, fitomorfos, triângulos semelhantes à vulva, pontos e incisões circulares, traços paralelos, horizontais e/ou verticais, pirogas, lâminas de machado, e a representação de pés e pegadas humanas e de animais.

A tradição Itacoatiaras foi criada para reunir as representações rupestres gravadas nos suportes rochosos, que se diferenciam das pinturas rupestres, principalmente pela técnica de execução e temáticas. Os sítios de gravuras rupestres ocorrem, preferencialmente, em áreas próximas aos cursos dos riachos, perenes ou intermitentes, na planície pré-cambriana, cobrindo um vasto território que se estende do Ceará, Piauí e Maranhão em direção à Bacia do Tocantins. Guidon (1992) subdividiu as composições gravadas em duas grandes categorias, sendo representadas pelas Itacoatiaras de Leste e Itacoatiaras de Oeste, sendo a primeira categoria, a típica do Nordeste do Brasil. Tomando por base tais informações, as gravuras piauienses estariam classificadas como Itacoatiaras de Leste, estando associadas a grupos caçadores-coletores típicos do Nordeste brasileiro, com sítios localizados às margens e leitos rochosos de rios e riachos do sertão, marcando cachoeiras ou pontos nos quais a água persiste mesmo durante a época da seca.

Tal classificação é genérica se aplicada às gravuras rupestres de Tasso Fragoso e precisa ser melhor refinada, principalmente quando se trata de filiações culturais, seja para gravuras seja para pinturas. Além disso, essa associação deve ser tomada com cautela, pelo fato da região de estudo se situar entre duas grandes bacias, que atuavam como corredores naturais entre os grupos humanos do Nordeste e do Brasil Central.

Portanto, aglutinar todos os sítios com gravuras rupestres em uma grande tradição arqueológica pode simplificar o processo de análise e percepção de importantes variações regionais, inclusive, por não existirem datações para os assentamentos do sul do Maranhão, situação que dificulta correlações temporais com os possíveis executores dos registros.

De todo modo, o contexto arqueológico aponta para uma provável reocupação desses sítios por grupos de caçadores-coletores, inclusive povos ceramistas que praticavam algum tipo de cultivo em várias regiões do estado.

Em relação ao potencial para futuras pesquisas arqueológicas, aponta-se a necessidade premente de realização de escavações arqueológicas, visto que no interior das cavidades mais profundas há substrato sedimentar com alto potencial informativo em que os contextos primários podem estar preservados. Contudo, ressalta-se que até o fechamento deste artigo nenhum dos sítios informados foi objeto de escavação arqueológica.

A partir da compreensão dos processos de formação desses abrigos é essencial que se estabeleçam as primeiras referências temporais para as ocupações dos sítios e a sua associação a outros elementos da cultura material.

A esse respeito, a análise de uma amostra de materiais líticos coletados em superfície nos Sítios de Tasso Fragoso e Alto Parnaíba encontrou bastantes semelhanças à Tradição Itaparica (FAGUNDES; BANDEIRA, 2014). Os artefatos foram classificados como não formais, predominando raspadores sobre lascas retocadas e raspadores denticulados, sobre lascas ou blocos. Os suportes mais utilizados foram o sílex e, em menor quantidade, quartzo e quartzito.



Figuras 37 e 38: Artefatos líticos da Bacia do Rio Parnaíba. **Fotos:** Arkley Bandeira (2014).

Logo, apesar de não existirem datações para essa região, a associação das gravuras com a Tradição Itaquiara e da indústria lítica com a Tradição Itaparica situam a faixa cronológica dos sítios possivelmente entre 12 a 5 mil anos A.P.

Para os períodos mais recentes, os relatos etno-históricos podem auxiliar as pesquisas arqueológicas, visto que eles demonstram uma forte presença indígena na porção centro-sul do Maranhão até meados do século XIX, inclusive com as frentes colonizadoras vindas da Bahia e Piauí encontrando forte resistência desses povos, conforme observado neste relato do século XVIII:

Aos vinte e dous de junho de mil settecentos e seicentos nesta cidade de São Luis do Maranhão no Palacio da Rezidencia di Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Governador do Estado Francisco Pedro de Mendonça Gorjão forão convocados os Reverendos Deputados da Junta abaixo assignados, e na falta do Excelentissimo e Reverendissimo Bispo assestio o seu Doutor Provizor e Vigario geral João Roiz Covette, e logo pello ditto Illustrissimo e Excelentissimo Governador e Capitam General foy mandado ler hum Requerimento dos moradores da Ribeira do Itapecurú e Parnaíba, em que largamente pondera as mortes e roubos com que os gentios bárbaros das Nasçoens Guegue, Timbira, e Coroá tem destruido a ditta Ribeira de que se tem seguido despovoarem se muitas fazendas com notaveis prejuizos de seus donos, e dos Dizimos de Sua Magestade, por cujos motivos pedião facultade para formarem hua Bandeira para expulsarem os dittos gentios (...) e para este effeito precizarão hua ajuda de custo de Polvora, Chumbo e Armas (...)(ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO MARANHÃO, Registro dos assentos, despachos e sentenças que se determinam em cada Junta das Missões na cidade de São Luís do Maranhão, 1738-1777, fls. 21-21v.).



Figura 40: Construção de currais de porcos, utilizando como parede de fundo o Abrigo Forquilha. **Foto:** Arkley Bandeira (2014).



Figura 41: Representação de uma igreja, com data do século XVIII sobre gravuras da Toca Ladeira Vermelha. **Foto:** Arkley Bandeira (2009).



Figura 42: Uso do piso do Sítio Caboclo II - Painel C para colocação de lixo. **Foto:** Arkley Bandeira (2014).

Pelo exposto, as futuras pesquisas na região já podem se valer das informações espaciais, da locação dos sítios rupestres e das relações desta com a paisagem. Contudo, é de suma importância a intensificação das prospecções para a descoberta de sítios rupestres em outras unidades geomorfológicas, que não os vales secundários.

É de extrema relevância que novos referenciais sejam adotados, com vistas a consolidar a perspectiva de ocupação regional do sul maranhense, pela perspectiva diacrônica e sincrônica, como, por exemplo:

- ✓ Documentação acurada sobre as gravuras rupestres para fornecer elementos para compreender relações intra e intersítios;
- ✓ Análises das condições de visualização, que podem identificar a amplitude de domínio visual e o controle territorial;
- ✓ Análises de trânsito, que podem informar sobre as rotas e os caminhos percorridos e as suas correlações com a implantação dos sítios arqueológicos;
- ✓ Comparações entre os locais com evidência arqueológica e os vales primários e secundários, cotejando suas localizações com as características físicas da paisagem;
- ✓ Compreensão dos fatores pós-deposicionais que vêm atuando no registro arqueológico, ao longo de vertentes e planos inclinados;
- ✓ Ações de aproveitamento cultural e social do patrimônio arqueológico da região para atividades educacionais e turísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme abordado neste artigo, o sul do Maranhão, outrora um vazio arqueológico, configura-se como uma região com um dos maiores potenciais para a pesquisa sobre gravuras rupestres no Brasil. Em menos de 8 anos de pesquisa, incluindo períodos de interrupção, já são conhecidos 51 sítios rupestres.

Dada a extensão territorial de Tasso Fragoso e a existência de outras regiões com as mesmas características ambientais, a exemplo dos municípios que compõem a Chapada das Mesas, Chapadas das Mangabeiras e as Gerais de Balsas, a tendência é que com o aumento das pesquisas mais sítios rupestres sejam descobertos.

Nessa fase das pesquisas já é possível afirmar que a densidade e a distribuição espacial dos sítios arqueológicos no sul do Maranhão sugerem uma ocupação de longa duração nas Bacias de Balsas e do Parnaíba por grupos caçadores-coletores. A presença discreta de fragmentos cerâmicos permite considerar que grupos ceramistas também viveram na região.

A filiação dos registros rupestres à Tradição Itacoatiaras de Leste e da indústria lítica à Tradição Itaparica não resolve o problema da arqueologia do sul do Maranhão e de suas especificidades regionais. Principalmente quando se buscam correlações com os vestígios distribuídos por toda a região amazônica, Nordeste e do Brasil Central, devem ser feitas pesquisas empíricas de campo.

Fato é que algumas questões já estão sendo esclarecidas, a exemplo da grande densidade de vestígios líticos no interior dos abrigos, possivelmente associados aos autores dos registros rupestres. Contudo, ainda existem os sítios líticos a céu aberto distantes de abrigos ocupados, em sua maioria depósitos secundários e superficiais, que apresentam uma indústria lítica praticamente idêntica à dos materiais associados aos vestígios rupestres.

Os sítios rupestres, localizados em altitudes entre 285 e 400 m, ocorrem principalmente nos vãos e vales dos cursos hídricos de segunda ordem, e em muitos casos há intervisibilidade entre um abrigo e outro. Esses abrigos fornecem, *grosso modo*, amplo domínio da paisagem, porém apenas a escavação no interior deles poderá fornecer mais dados acerca do uso desses espaços.

A predileção pela execução de gravuras é um ponto crucial e que deverá ser averiguado, com vistas a inferir se se trata de uma forma adaptativa ao suporte rochoso ou de aspectos relacionados à identidade e ao *ethos* dos grupos humanos.

A correlação entre sítios de Tradição Itaparica e de Tradição Itacoatiaras e as ocupações de grupos do tronco linguístico Jê vem sendo cada vez mais aferida no Brasil Central. No entanto, sem datações é impossível afirmar que haja continuidade cultural entre as ocupações demarcadas pela cultura material e aquelas indicadas pelos dados etno-históricos para os séculos XVIII e XIX.

Em relação ao cenário maior para a arqueologia dos registros rupestres da Amazônia, é de extrema importância mapear a distribuição espacial desses sítios em áreas transicionais, principalmente entre a Amazônia e o Cerrado, visto que as fronteiras ambientais também podem refletir fronteiras territoriais e étnicas para os povos do passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO MARANHÃO. *Registro dos assentos, despachos e sentenças que se determinam em cada Junta das Missões na cidade de São Luís do Maranhão, 1738-1777*.
- BANDEIRA, A. M. *Um panorama sobre os registros rupestres no Estado do Maranhão*. 2003. Monografia (Licenciatura plena em História) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2003.
- BANDEIRA, A. M. *Diagnóstico preliminar sobre o patrimônio arqueológico da área de implantação de usina de etanol e de plantação de cana-de-açúcar nos municípios de Porto Franco, Estreito e São João do Paraíso*. São Luís: Floreste, 2007.
- BANDEIRA, A. M. *Primeiro Relatório Técnico de Consultoria de Pesquisa Arqueológica*. Arranjos Produtivos Locais – SEBRAE. Balsas: SEBRAE, 2008.
- BANDEIRA, A. M. *Segundo Relatório Técnico de Consultoria de Pesquisa Arqueológica*. Arranjos Produtivos Locais – SEBRAE. Balsas: SEBRAE, 2009.
- BANDEIRA, A. M. *Terceiro Relatório Técnico de Consultoria de Pesquisa Arqueológica*. Arranjos Produtivos Locais – SEBRAE. Balsas: SEBRAE, 2010.
- BANDEIRA, A. M. *Quarto Relatório Técnico de Consultoria de Pesquisa Arqueológica*. Arranjos Produtivos Locais – SEBRAE. Balsas: SEBRAE, 2011.
- BANDEIRA, A. M. *Ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luís – MA: inserção dos sítios arqueológicos na paisagem, cronologia e cultura material cerâmica*. 2013. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BANDEIRA, A. M. *Relatório de Diagnóstico Arqueológico Interventivo da UHE Canto do Rio, em Alto Parnaíba, Tasso Fragoso e Balsas – MA e Santa Filomena – PI*. São Luís: Brandi & Bandeira Consultoria Cultural Ltda., 2014.
- BANDEIRA, A. M. Distribuição espacial dos sítios Tupi na Ilha de São Luís, Maranhão. *Cadernos do LEPAARQ*, v. XII, n. 24, p. 60-96, 2015.
- BANDEIRA, A. M.; BRANDI, R. A (Org.). *Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão*. São Luís: Brandi & Bandeira Consultoria Cultural Ltda., 2014.
- BANDEIRA, A. M.; SANTOS, J. M. B. dos. *Relatório de Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico da Fazenda Catuaí Norte, em Tasso Fragoso, Balsas e Alto Parnaíba – MA*. São Luís: Brandi & Bandeira Consultoria Cultural Ltda., 2015.
- BRAGA, A. *Sítio Arqueológico Testa Branca II, Contributo a Arqueologia Rupestre no Brasil. Estreito, Maranhão – Brasil*. Mestrado (Dissertação em Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre) – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douros, Vila Real. 2011.

- BRAGA, A. Arte Rupestre no Maranhão, o caso Testa Branca II. In: BANDEIRA, A. M; BRANDI, R. A (Org.). *Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão*. São Luís: Brandi & Bandeira Consultoria Cultural Ltda., 2014, p. 239-267.
- CAINO, J. S. et al. Perspectivas da arqueologia sul maranhense. In: BANDEIRA, A. M; BRANDI, R. A (Org.). *Nova luz sobre a arqueologia do Maranhão*. São Luís: Brandi & Bandeira Consultoria Cultural Ltda., 2014, p. 215-238.
- CASSETI, V. *Compartimentação topográfica*. Disponível em:
<http://www.funape.org.br/geomorfologia/cap2/index.php#titulo2.2.1.2f>. Acesso em: 11 fev. 2014.
- ETCHEVARNE, C. A ocupação Humana no Nordeste do Brasileiro Antes da Colonização Portuguesa. *Revista USP*. Antes de Cabral: Arqueologia brasileira I, v. 44, p. 112-141, 1999.
- FAGUNDES, M; BANDEIRA, A. M. Relatório de Análise da cultura material lítica evidenciada na UHE Canto do Rio, Maranhão e Piauí. In: BANDEIRA, A. M. *Relatório de Diagnóstico Arqueológico Interventivo UHE Canto do Rio – Alto Parnaíba, Tasso Fragoso e Balsas – MA, e Santa Filomena – PI*. São Luís: Brandi & Bandeira Consultoria Cultural, 2014.
- FIALHO, O. Casa de Pedra. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão*. São Luís, ano VII, n. 6, p. 47-51, 1956.
- GEM – GRUPO ESPELEOLÓGICO DE MARABÁ. *Levantamentos temáticos preliminares para evidenciar o potencial turístico do Município de Tasso Fragoso - MA*. Marabá: Fundação Casa de Cultura de Marabá, 2002.
- GEM – GRUPO ESPELEOLÓGICO DE MARABÁ. *Relatório de viagem do projeto de redocumentação de cavidades geológicas*. Marabá: Fundação Casa de Cultura de Marabá, 2013.
- GUIDON, N. As ocupações pré-históricas do Brasil (excetuando a Amazônia). In: CUNHA, M. C. (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.
- IBGE. Mapas. Disponível em: www.ibge.gov.br Acesso em: 18 fev. 2011.
- IPHAN. Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos. Disponível em www.iphan.gov.br Acesso em 20 de outubro de 2016.
- LEITE FILHO, D. C. Gravuras Rupestres no Município de Carolina – MA. *Cantaria* – Boletim informativo do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico e Paisagístico do Maranhão. São Luís, ano IV, n. 11, p. 2, 1991.
- LIMA, O. C. Província Espeleológica do Maranhão. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão*. Ano LIX, n 10, São Luís-MA, p. 62-70, 1985.

LIMA, O. C. Cultura rupestre maranhense – arqueologia, antropologia. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão*. Ano LX, n. 11, março de 1986, p. 07-12.

MARTIN, G. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Recife: Editora da UFPE, 1999.

NIMUENDAJÚ, C. *Mapa etno-histórico de Curt Nimeundajú*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

Recebido em: 21/01/2017

Submitted in: 21/01/2017

Aprovado em: 02/11/2017

Aproved in: 02/11/2017

Publicado em: 06/12/2017

Published in: 06/12/2017
